

MILA WANDER

# O CANALHA DO 610



Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Mila Wander, 2018  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018  
Todos os direitos reservados.

*Preparação:* Débora Dutra

*Revisão:* Ana Grillo e Elisa Martins

*Diagramação:* Departamento de criação da editora Planeta do Brasil

*Capa:* Departamento de criação da editora Planeta do Brasil

*Imagem de capa:* wavebreakmedia / Shutterstock

*Imagens de miolo:* ommus / Shutterstock, ilham arief / Shutterstock

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Wander, Mila	
O canalha do 610 / Mila Wander. -- São Paulo : Planeta do Brasil,	
2018.	
416 p.	
ISBN: 978-85-422-1456-7	
1. Ficção brasileira I. Título	
18-1703	CDD: B869.3

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 - 21ª andar

Edifício Horsa II - Cerqueira César

01411-000 - São Paulo - SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

# A vida é uma caixinha de surpresas desagradáveis

Manu



Quando saí mais cedo do trabalho, naquela fatídica tarde de sexta-feira, estava pensando seriamente em ficar algumas horas na banheira quando chegasse em casa – imersa em água quentinha e sais de banho importados –, preparar um balde de pipoca amanteigada no micro-ondas e passar o resto do dia *maratonando* minhas séries favoritas da Netflix. Meu humor estava uma maravilha, tudo porque tinha concluído uma fase importante do meu amadurecimento profissional. Acabava de cumprir um mês de aviso prévio e poderia me dedicar única e exclusivamente ao que amava fazer.

Nunca havia me passado pela cabeça que aquele dia tão feliz terminaria em uma tragédia digna de Shakespeare. Eu devia ter desconfiado que, nos últimos meses, minha vida estava boa demais para ser verdade.

Cantarolando, passei pela portaria do prédio, cumprimentei o porteiro e prestei mais atenção do que o normal nas crianças que brincavam no playground. Os pássaros pareciam cantar junto comigo enquanto faziam seus ninhos nas tantas árvores que compunham a área de lazer localizada no térreo. Um deles sobrevoou a minha cabeça e acabou me presenteando com uma bela quantidade de cocô.

Naquele momento, eu devia ter percebido. O passarinho, coitado, só estava tentando me alertar de que melecar a cabeça seria o menor dos meus problemas. Eu não queria limpar a sujeira com as mãos, por isso a deixei onde estava e tentei respirar fundo para não mandar o bicho ir tomar naquele lugar, principalmente na frente de tantas crianças. Eu já havia chegado em casa e o meu cabelo merecia ser lavado; logo, achei por bem não agir como uma maluca por causa de um pássaro com incontinência intestinal.

Consegui pegar o elevador rapidamente e me olhei no espelho. Apesar da marca esbranquiçada e horrenda desenhada no topo da cabeça, vi uma mulher cheia de vida. Meus trinta anos me faziam muito bem, apesar de todas as coisas pelas quais havia passado para chegar até ali. Eu não era a mulher mais bonita do mundo, tampouco me importava com isso, porém sentia que eu finalmente sabia o que queria da vida.

Usava o cabelo do jeito que eu queria – nunca incluí cocô de pássaro nas receitas dos meus cremes caseiros, obviamente –, sem neuras e sem me preocupar com a opinião dos outros, e vestia as roupas que eu mesma criava, desenhadas com esmero para traduzir o meu estilo tal como era. Mexer com moda era a minha paixão e eu estava preparada para arriscar tudo em prol do sonho de ter a minha própria grife de roupas.

Abri um sorriso largo e arrumei os cabelos compridos de lado. Preenchi meus pulmões com uma grande quantidade de ar, como se quisesse respirar a minha mais nova escolha, o mais novo rumo a ser seguido. Às vezes, o simples fato de tomar uma decisão é o bastante para que uma vida inteira ganhe um sentido que nunca teve antes.

Peguei as chaves do apartamento na minha bolsa, abri a porta e logo senti um cheiro maravilhoso de algo assando no forno. Fui até a cozinha só para constatar que o meu bolo favorito – de cenoura, que mais tarde ganharia calda de chocolate – estava sendo preparado.

— Karen? Não acredito que você está fazendo bolo de cenoura! — Andei pelo corredor que dava para a suíte, de repente ansiosa para encontrá-la. Ela merecia um beijo e um agradinho por aquela atitude fofa. Eu não sabia cozinhar porcaria nenhuma, então ter alguém em casa para fazer um delicioso bolo era como ganhar na loteria. — É a segunda melhor notícia do dia, a primeira é o fim da minha vida assalariada! Até já esqueci que um passarinho safado fez cocô na minha cabeça. Imagina que...

Abri a porta da suíte com certa pressa e gritos agudos ecoaram pelo apartamento, deixando-me paralisada. A cena não foi nada agradável. Shakespeare provavelmente fecharia as cortinas naquele instante, para que ninguém tivesse o desprazer de acompanhar o momento exato em que toda uma vida, repleta de expectativas, se rompia e se esvaía, reduzindo-se a absolutamente nada.

— Calma, Manu, não é nada disso que você está pensando!

Mal consegui ouvir a frase, que parece fazer parte do vocabulário de todos os seres que são pegos no flagra.

— Acho que eu vou embora — uma segunda voz, proveniente de uma morena com cabelos cacheados e olhar fatal, fez com que eu me arrepiasse dos pés à cabeça.

A morena recolheu um monte de roupas jogadas no chão e desfilou a bunda empinada até se perder dentro do banheiro. Observei o rosto assustado de Karen enquanto ela gesticulava e falava mil coisas que poderiam muito bem ser em árabe, por-

que não entendi bulhufas. Uma lágrima deslizou pelo meu rosto enquanto eu franzia a testa para tentar traduzir o que aquela mulher nua diante de mim queria dizer.

Depois de muito esforço, consegui captar duas simples palavras:

— ... uma amiga...

Karen parou de soltar justificativas, mais falsas do que seus peitos enormes. Eu estava começando a ficar nervosa, e quando ficava nervosa começava a falar feito uma alucinada. Puxei todo o meu fôlego e finalmente abri a boca:

— Karen, você deve achar que o meu cérebro é do tamanho da menor cabeça de alfinete do mundo, porque não é possível! Não dá pra acreditar que você quer que eu acredite que uma maldita amiga estava nua na sua cama enquanto vocês brincavam de ginecologista na maior inocência do mundo. — Virei as costas e abri a porta do guarda-roupa. Puxei a primeira bolsa grande que encontrei e comecei a colocar algumas roupas dentro. — Não vou ser feita de idiota. Em cima da nossa cama! Trocou os lençóis pelo menos? Eu estou muito puta, muito, muito puta!

— Manu, o que você está fazendo?

— Indo embora da merda desta casa! — gritei, tão alto que a morena gostosona saiu do banheiro, já vestida, e passou por nós feito um foguete.

Karen ainda ficou na dúvida se continuava me questionando ou se seguia a desconhecida, porém acabou ficando onde estava.

— Você não pode ir, Manu! E o *Glamorosas & Cia*? Eu investi pesado na sua carreira de estilista e...

Fechei o zíper da bolsa porque não aguentava mais ficar naquele lugar, ouvindo a voz daquela mulher. Precisava ir embora, por mais que não soubesse para onde ir. Não queria nem olhar para a cara de Karen. A pessoa que tinha sido minha companheira durante onze meses fez questão de destruir a minha confiança e, de quebra, o meu coração. De um segundo para outro alguém importante havia se tornado nada dentro de mim. O processo era tão dolorido que eu continuava chorando.

— Não vai ter mais *Glamorosas & Cia*, Karen. Você me traiu. — Apontei um dedo bem na cara dela, que ficou olhando para a minha unha com uma expressão de “você devia ter ido ao salão resolver o problema com suas cutículas”. — Nosso envolvimento acaba aqui. Nos negócios e na vida.

— Mas, Manu, você não tem dinheiro. Não pode me deixar assim!

— Enfia a grana bem no meio do teu... — Parei antes de perder a compostura de vez. Falei mais baixo: — Não quero nada que venha de você. Acabou, Karen.

Se fosse para ir embora, seria com a cabeça erguida e sem que a vizinha fofoqueira que morava ao lado soubesse. Ela sempre ouvia o que acontecia dentro do nosso apartamento e espalhava pelo prédio como minha vida sexual era bastante ativa. Os moradores nos olhavam com expressões que revelavam o mais puro preconceito.

— Não faz isso comigo, Manu. Por favor, eu te imploro! — Karen começou a chorar enquanto eu pendurava a bolsa em minhas costas e tentava alcançar a porta o mais depressa possível. — Você não pode me deixar assim! A Gabriela é apenas uma amiga... Eu juro! Você está careca de saber que eu gosto de liberdade sexual e...

Parei e a encarei de perto. Karen arregalou os olhos. Ela morria de medo do meu olhar quando eu estava com raiva de alguma coisa.

— Você sabia que eu era monogâmica quando resolveu me assumir — rosnei em plena fúria. — Não gosto de compartilhar nada que é meu. Se gosta tanto de liberdade sexual, por que aceitou ficar comigo? Por que me chamou pra morar aqui e me fez acreditar que tínhamos um futuro?

— Porque... — ela fungou exageradamente. — Porque eu te amo, Manu.

Revirei os olhos e enchi a boca para, finalmente, perder a compostura:

— Foda-se você e esse amor de merda que sente por mim!

Encontrei a tal amiguinha na sala, sentada no sofá, acompanhando toda aquela baixaria. Olhei feio para ela e abri a porta. Karen ainda tentou me fazer ficar para explicar uma situação que já estava explicada: a minha namorada – ou melhor, ex – era uma promíscua que nunca mudaria. Eu devia ter escutado meu melhor amigo, Caju, que já havia tentado abrir meus olhos dizendo que Karen não passava de uma quenga.

Foi pensando nele que desci pelo elevador, e novamente um pássaro sobrevoou minha cabeça e terminou a obra de arte que o outro bicho tinha começado. Soltei uns trezentos milhões de palavrões, daquela vez chamando a atenção das crianças e das babás que as vigiavam. Ninguém me olhou de maneira amistosa enquanto eu atravessava a portaria aos trancos e barrancos.

Minha vida estava acabada.

Só quando olhei para os dois lados da avenida eu finalmente compreendi que não tinha para onde ir, e que isso significava que eu era a mais nova moradora de rua do pedaço. Sem emprego estável e sem perspectiva de emplacar minha própria grife, o que sobraria de mim?

Eu não podia mais contar com o dinheiro de Karen, muito menos com o dos pais dela, que eram empresários riquíssimos. Minha mãe estava curtindo uma

eterna lua de mel com seu mais novo marido em alguma cidadezinha da Inglaterra – e eu, definitivamente, preferia morrer a pedir ajuda financeira para ela. Meu pai? Eu nem sabia o nome dele. Minha avó estava em um asilo que levava mais da metade do meu salário para ser bancado. Não havia mais nada meu em lugar nenhum, pois eu tinha apostado todas as minhas fichas em um relacionamento que não passara de uma grande decepção.

Tirei meu celular do bolso e digitei o número da única pessoa que não tinha me abandonado no mundo – e que eu duvidava muito que um dia faria algo de ruim comigo. O meu melhor amigo, o cara que não passava de um canalha, mas que era o meu companheiro de cerveja, futebol, conselhos amorosos, baladas, artes marciais e Netflix. Carlos Júnior, ou simplesmente Caju, para os mais íntimos, fora meu vizinho a vida inteira e era a única saída que eu tinha diante de uma situação tão trágica.

Ele atendeu no terceiro toque:

— Fala, meu chuchuzinho! — Caju soltou um riso amistoso. Ele sabia que eu odiava ser chamada assim. Era como uma antiga namorada me chamava e o idiota nunca me deixava esquecer.

Eu sorri, ainda que estivesse chorando.

— Ei, seu escroto. Onde você está?

— No meio de uma festa, tentando vender um apartamento para uma ruiva que é um tesão! — Balancei a cabeça em negativa, ainda rindo e chorando, tudo ao mesmo tempo. — E você acaba de me fazer perder uma deixa! Está me devendo uma.

— Preciso de você. Te vejo no 610 — murmurei, sabendo que o meu amigo largaria qualquer coisa que estivesse fazendo para me ajudar.

— Estou indo, Manu — como previsto, ele respondeu seriamente, já sabendo que, se eu pedia ajuda, o problema só podia ser bem sério. — Vai ser o quê? Chocolate ou cerveja?

— Os dois? — eu me vi incapaz de decidir.

— Certo. As noites de chocolate com cerveja são as melhores.

Caju desligou sem esperar que eu respondesse, e nem precisava. Ele me conhece o suficiente para compreender que eu odeio falar qualquer coisa por telefone. Continuei sorrindo feito uma boba, porque ele também sabia perfeitamente que as noites de chocolate com cerveja eram as mais difíceis para nós dois.

Eu só esperava sobreviver a mais uma delas.

# As vantagens de ser um corretor

Caju



Toda sexta-feira era a mesma coisa. Não que eu não gostasse do dia mais legal da semana, quando as possibilidades se ampliavam e eu podia unir trabalho e prazer de modo a sair sempre vitorioso. Ser corretor de imóveis tinha suas vantagens, e a minha era poder me deliciar com incríveis canapés enquanto sondava a próxima vítima que, de um jeito ou de outro, acabaria me rendendo uma venda; claro, depois que eu a tivesse na cama, gemendo no meu ouvido. Tem coisa mais deliciosa que uma mulher gemendo de prazer? Claro que sim: uma mulher rica gemendo de prazer.

O alvo daquele fim de tarde era Sarah Mendes, empresária conceituada no ramo de tapeçarias finas. Ela exportava um monte de tecido velho com cores vibrantes e todo mundo achava o máximo. Não me pergunte como ela conseguia chamar a atenção de compradores exóticos, gente famosa e milionários dispostos a pagar cinco dígitos num mísero tapete.

Sarah estava louca para comprar um novo apartamento na cidade, mas não tinha conseguido o que queria. Ainda. Ela havia dito isso mais de uma vez. Aquela filha da mãe gostosa do cacete. O imóvel que lhe ofereci era simplesmente espetacular, possuía a melhor vista da cidade e se localizava em um dos bairros mais seguros do país. O valor do condomínio era uma pechincha. O sistema hidráulico era excelente, bem como toda a parte elétrica. As paredes estavam recém-pintadas, as janelas foram consertadas e tudo o que ela precisava era dizer que queria ficar com a porra do apartamento.

Mas Sarah apenas abriu a boca, que era extremamente sensual, arrumou os cabelos naturalmente ruivos e disse:

— Não gostei muito da suíte.

Quando questionei o motivo, ela me encarou como se eu fosse um tremendo idiota e resmungou:

— Não sei. Só não gostei da suíte.

Ainda sugeri algumas alterações na planta, reparos que mal lhe gerariam custos, mas Sarah Mendes não era empreendedora em vão. Não havia quem a fizesse



mudar de ideia. A não ser que eu apelasse. Estava disposto a fazê-la mudar de ideia depois que eu a levasse para a suíte de novo e lhe desse os devidos motivos para gostar do lugar.

Não me achava pretensioso demais. E jamais faria qualquer coisa que uma mulher não permitisse. Só que eu estava no meio de uma venda importante, minha comissão era de inacreditáveis dez por cento e ninguém me impediria de usar meu artifício mais pesado para fechar um bom negócio.

Vi nos olhos de Sarah que ela só queria que o preço baixasse. Com um valor menor, minha comissão diminuiria e eu não tiraria as minhas tão sonhadas férias no Caribe, em fevereiro. Além do mais, eu estava de mudança e queria conforto em meu novo lar. Estava em meus planos adaptar o tenebroso imóvel que comprei até que ficasse um luxo. Portanto, baixar o preço para agradá-la não era uma opção.

Quando meu parceiro Bocão, um velho amigo da faculdade de Administração e também corretor de imóveis, avisou que Sarah estaria no coquetel de inauguração de um dos condomínios mais luxuosos de que se teve notícia, decidi cortar o cabelo, fazer a barba, depilar o saco e comprar um terno legal. Não era a primeira vez que me empenhava com uma cliente. Nem a segunda. Nem mesmo a terceira, e achava que já não podia mais contar nos dedos, nem se acrescentasse os dos pés.

O acordo que eu tinha com os clientes me deixava responsável pela chave do imóvel a ser negociado. Desde que comecei no ramo, há sete anos, passei poucas e boas atrás de chaves. Parecia que as pessoas que me contratavam não queriam mesmo vender seus imóveis, só *precisavam* vendê-los. Era como se fosse um alívio o fato de ninguém querer comprar, então alguns dificultavam o meu trabalho.

Às vezes me sentia um carrasco, destruidor de sonhos ou algo do tipo. Não precisava nem dizer que adorava me sentir assim. Não resistia a um olhar triste de quem vendeu a casa que tanto amava. Qual é? Foda-se a casa. Toda vez que um cliente me olhava daquele jeito eu me lembrava do meu irmão. E eu odiava me lembrar daquele bastardo. Ele nutria um amor masoquista pela casa do nosso falecido pai.

Sarah Mendes segurava a taça como se o objeto lhe fizesse um favor. Conversava com executivos, corretores e políticos, um monte de gente esnobe que só faltava bater o nariz contra o teto.

Se eu estava de nariz empinado? Mas é claro. Sempre me adaptei perfeitamente a qualquer tipo de ambiente, como um camaleão que muda de cor para se camuflar. Era da minha personalidade passar despercebido quando me convinha e chamar atenção quando me apetecia. Naquela tarde, no entanto, eu queria que apenas Sarah me notasse.

Seu vestido vermelho, decotado na parte de trás, me fez passar muito tempo imaginando como seria escorregar a língua na pele à mostra. Meu saco recém-depilado estava coçando e precisei dar uma arrumada nele antes de partir para o ataque.

— Sarah Mendes, que surpresa! — ofereci-lhe o meu sorriso mais sexy. Minha melhor amiga, Manu, dizia que era o meu sorriso mais canalha, porém quase sempre funcionava. — É um prazer revê-la.

Puxei a mão dela com delicadeza e beijei os dedos macios e perfumados mais rápido do que eu realmente queria. Sarah havia se afastado dos almofadinhas para ir ao banheiro, por isso a encontrei perto do bar, antes que alcançasse a entrada do toalete. O sorriso que ofereceu me deu a certeza de que ela não fazia ideia de quem eu era. Acontecia, às vezes. Meu rosto era comum.

Eu quase nunca olhava para uma mulher sem imaginar como seria a vagina dela. Não foi diferente com Sarah. Pela cor da pele, devia ser uma bela boceta. Vermelhinha. Depilada, talvez. Ela devia ser do tipo que passava sabonete íntimo com cheiro de rosas. O clitóris devia ser macio e, pela beleza estonteante, fazia sexo regularmente.

Pode ter certeza de que eu não era tão perito em vaginas – Manu era bem mais do que eu –, só fazia *muitas* suposições. Mania minha. A vagina de Sarah provavelmente era o extremo oposto do que o meu cérebro louco podia supor.

— Desculpa, eu... — sua boca lambuzada de batom vermelho abriu um pouco para oferecer um não tão sincero pedido de desculpas.

— Carlos Júnior. Sou o corretor daquele apartamento com a suíte que não te agradou.

— Ah... A suíte. — Sarah abriu um sorriso amarelo, meio envergonhada.

— Suponho que já tenha conseguido o que queria.

Eu sabia muito bem que não. Meu segundo nome era *verde* e o primeiro, *jogando*.

— Na verdade, não. O que eu procuro é bem... peculiar.

— Verdade? Achei que tivesse feito negócio com os Braga.

Aqueles irmãos corretores, além de serem meus maiores rivais, jogavam muito sujo. Se eu piscasse os olhos, roubavam meus clientes, por isso me mantinha sempre alerta. Eles estavam em algum lugar do coquetel, fumando charutos baratos e discutindo sobre a crise econômica com a inteligência de um jegue com problemas estomacais.

— Não — ela foi bastante taxativa. — Para ser sincera, não gostei dos imóveis que me mostraram.

Ponto para Sarah. Minha vontade de conferir a coloração de sua boceta se intensificou de imediato. Passei a língua pelos lábios para que ela soubesse como tinha sido delicioso ouvi-la falando mal dos meus rivais. Manu reclamava constantemente daquela passada de língua. Ela dizia que era nojento, mas as mulheres achavam excitante.

Manu não sabia muita coisa sobre mulheres heterossexuais, exceto pelo fato de que conseguia pegá-las mais do que eu, o que me deixava irritado. Não recomendo para nenhum homem ter uma melhor amiga lésbica. Era frustrante vê-la com mulheres gostosas enquanto eu chupava o dedo. Por outro lado, eu tinha companhia para as aulas de *wrestling*, mais conhecido como luta livre. Sem contar que Manu era do tipo que soltava pum na minha frente. Não havia coisa mais maravilhosa.

— Você não me disse do que não gostou naquela suite — fingi estar absolutamente preocupado com a incapacidade que Sarah tinha de realizar uma escolha. — Talvez, se me dissesse, eu pudesse encontrar um lugar mais apropriado...

Ela ficou meio constrangida. Olhou para a entrada do banheiro, depois para os garçons que circulavam perto do bar. Por fim, suspirou, percebendo que não se livraria de mim tão cedo.

— Não gostei do piso. Tacos de madeira são cafonas, além de me darem uma sensação... fria. — Ela depositou a taça seca sobre a bandeja de um garçom que passou por nós distraidamente.

Eu sabia que ela mencionaria os malditos tacos. Fiquei surpreso por não ter comentado sobre eles no dia da visitação.

— Você já transou sobre tacos de madeira? — Prendi os lábios e esperei que a mulher começasse a gritar. Às vezes eu pulava muitas etapas e não conseguia controlar minha boca enorme.

Sarah arregalou os olhos. Arquejou, estupefata. Ter bons modos nunca foi o meu forte. Um belo dia levei um tapa de Clarina Ivnovick, uma socialite poderoso-

síssima e viúva, que comprou uma bela mansão de um dos meus clientes mais ricos. Algumas horas depois do tapa, eu estava comendo a velhota na limusine dela. Não foi nada espantoso. Clarina tinha uns trezentos anos, mas pagava o esteticista em dia. Sua bunda parecia ter soprado, no máximo, vinte velinhas. Ah, e eu comi aquela bunda com força.

— Perdão?

— A senhorita já trepou sobre tacos de madeira? — incrementei a pergunta na tentativa de deixá-la mais educada, já que eu nada podia fazer para devolver as palavras à minha boca.

Não soube dizer se minha tentativa havia funcionado. Pela cara da cliente, não.

— E-Eu... — Sarah olhou ao redor de novo, provavelmente pensando se havia a possibilidade de eu ser um maníaco. — Acho q-que... não.

Sua resposta me deixou feliz. Eu estava esperando o tapa. Para ser sincero, apostara com Bocão que levaria uma bofetada naquela tarde. Teria de pagá-lo com uma caixa de cerveja e um pacote de Doritos apimentados no futebol da próxima quarta.

Dei um passo na direção da mulher.

— Eu te garanto, Sarah, que os tacos não são frios quando você se deita pelada sobre eles.

A minha segunda surpresa foi a facilidade com que Sarah Mendes abriu um largo sorriso. Sorri de volta ao compreender que ela estava na minha. O plano, inexplicavelmente, havia dado certo, e eu nem precisei gastar muita saliva para ter o que tanto queria. O meu saco estava coçando horrores, mas fiz o maior esforço do mundo para não mexer nele na frente de Sarah.

— E como você pode me garantir isso, Carlos Júnior? — Sarah cruzou os braços e, por seu olhar atento, estava mais do que interessada na proposta que eu soltaria a seguir. Usei a minha voz mais sexy para dizer:

— Posso te levar até lá, te deitar pelada no chão e...

Meu celular começou a tocar de forma estridente. Eu havia me esquecido de deixá-lo no silencioso. Manu tinha vontade de me matar porque a música escolhida para tocar toda vez que ela me ligasse era “I Kissed a Girl”, da Katy Perry. Segundo ela, não havia nada mais clichê.

O problema de ouvir aquela canção, verdadeiro hino das garotas que beijavam garotas, é que eu não podia simplesmente rejeitar a ligação. Manu odiava

telefonar; logo, se estava me ligando, só podia ser alguma coisa muito urgente. Ela me mandaria uma simples mensagem no WhatsApp se fosse besteira.

Olhei para Sarah, que ainda esperava para ver até onde chegaria a minha ousadia, mas acabei dando de ombros e pedindo licença para atender o celular. Pela cara, ela não tinha ficado satisfeita de ter sido trocada – ou de ter ouvido aquela música tosca soando no meu celular. Paciência. Minha melhor amiga sempre vinha na frente.

Percebi a voz chorosa de Manu, mas sabia que ela odiava abrir o berreiro na frente dos outros, e ainda mais ao telefone, com quem quer que fosse. Resolvi não a questionar. Qualquer que tivesse sido o problema, seria confessado entre canecas de cerveja e barras de chocolate, e em algum momento da noite eu falaria tanta besteira que, enfim, ela esqueceria o próprio sofrimento.

Meus planos mudaram da água para o vinho na velocidade da luz. Assim que guardei o celular de volta no bolso, virei as costas e percebi que Sarah Mendes ainda me esperava. Suspirei fundo e me aproximei dela.

— Desculpa, surgiu um imprevisto. Preciso ir agora mesmo.

Sarah fez uma cara feia.

— Tudo bem, Carlos. Foi um prazer. — Ela balançou a cabeça de um jeito charmoso e entrou no banheiro sem sequer olhar para trás. Talvez eu tivesse acabado de perder a única chance que tinha de concluir a venda.

Atravessei o enorme salão onde a festa estava sendo realizada e, sem falar com ninguém, peguei meu carro com o manobrista e dirigi o mais rápido que pude rumo ao meu apartamento. No caminho, parei em um pequeno mercado para abastecer o freezer com cerveja e os armários da cozinha com uma grande quantidade de doces. Eu estava extremamente curioso para saber que bicho havia mordido Manu.

Uma moto barulhenta passou pelo carro assim que virei a esquina da minha rua. Nem precisei conferir, sabia que era Manu pilotando loucamente, e sem capacete. Certa vez, quase morri do coração quando ela sofreu um acidente e ficou toda arrebitada. Não sabia como ainda tinha coragem de pilotar moto.

Nós nos encontramos no subsolo do prédio, já que Manu tinha uma cópia da chave eletrônica que abria a garagem.

— Você só pode estar de brincadeira comigo, sua louca! Não bastou ter sido quase desmontada no ano passado? Achou pouco passar um mês no hospital? —

Desci do carro já reclamando. — Por que raios está dirigindo sem capacete? — Manu desceu da moto e apontou para o topo de sua cabeça, onde havia umas gosmas brancas com aspecto horrível. — Que porra é essa no seu cabelo? Alguma tintura deu errado?

Manu tinha os cabelos mais legais do mundo. Eram enormes, ultrapassando a cintura fina, ondulados e, da metade para baixo, tinham uma coloração roxa que eu achava o máximo.

— Um passarinho cagou na minha cabeça. Ou melhor, *dois* passarinhos cagaram na minha cabeça.

Passei um segundo analisando seu rosto choroso. Não dava para acreditar que eu havia perdido uma venda porque minha melhor amiga não aguentou a barra que era receber um jato de merda no cabelo. Comecei a rir sem pausas.

— Não tem graça, ô imbecil! — Manu se aproximou e me deu um tapa na cabeça. — Estou toda fodida da vida.

— Por que não lavou o cabelo de uma vez? — perguntei enquanto gargalhava alucinadamente.

— Acabei de pegar a Karen na nossa cama, chupando uma vadia.

Parei de rir no mesmo instante e a encarei de perto.

— Sério?

— Seríssimo.

Manu apertou os lábios com força e fez o maior esforço do mundo para não começar a chorar na minha frente. Aquela mulher sempre foi uma guerreira. Eram sua força e amizade que me faziam resistir às coisas que me tiravam do eixo. Pena que fosse tão azarada. A vida não estava de brincadeira com a coitada.

— Não diga “eu te avisei”, por favor, Caju — ela balançou a cabeça devagar. Seu rosto estava todo franzido, indicando a dor que sentia. — Acabamos tudo, até a parceria profissional.

— Mas, Manu, e o *Glamorosas & Cia*? O lançamento do site não era na segunda? Você estava tão animada com a grife!

Minha amiga deu de ombros.

— Acabou, Caju. Não tenho casa, não tenho emprego, não tenho namorada, não tenho... — Antes que ela pudesse concluir, puxei seu corpo pequeno para mim e a abracei forte. Manu soltou muitos soluços. — Só tenho você.

— Você tem a mim. Isso é alguma coisa, certo?

— Claro que é, Caju. Neste momento, isso é tudo. — Ela apertou os braços ao redor da minha cintura e, nos minutos que levou para se recompor, pensei em nosso relacionamento desde o começo.

Nasci naquele mesmo bairro de classe média alta, todo arborizado e cheio de opções de lazer, como o boliche, minha principal atividade nas tediosas noites de domingo, a Praça Manuel Pinhosa, melhor lugar do mundo para se ficar à toa, e, claro, o Dogão Assassino, uma lanchonete móvel, ou seja, uma Brasília amarela que estacionava perto da praça e vendia o melhor cachorro-quente do planeta. Minha mãe era funcionária pública e sempre ganhou muito bem, embora tenha sido obrigada a se aposentar cedo demais por questões de saúde.

Emanuelle Ferraz era minha vizinha desde que abandonei os bonecos Comandos em Ação e me tornei um viciado em filmes pornô. Naquela época ninguém tinha internet e eu conseguia as fitas na locadora do seu Gonçalo, um velho escroto que não ligava se alugava conteúdo erótico para um pirralho de doze anos. Não me lembrava de não ter Manu como vizinha, era como se minha vida tivesse começado de verdade no dia em que ela se mudou para o apartamento ao lado. Com seu jeito extrovertido e desbocado, conquistou-me com extrema facilidade.

Manu assistia aos vídeos pornô comigo. Era meio bizarro imaginar uma coisa daquelas, mas compreenda que, na minha concepção, ela sempre foi um amigo. Sim, um amigo mesmo, no masculino. Naquela época eu nunca havia pensado que uma mulher pudesse arrotar tão alto. Nem mesmo praticar luta. Ou gostar de carrinhos. E tampouco me obrigar a tirar os bonecos da prateleira para brincarmos de guerra usando molho de tomate como sangue. Ela gostava de videogame, ralava os joelhos andando de bicicleta e me acompanhava no judô. Ganhamos faixa preta no caratê no mesmo dia. Portanto, na minha concepção, assistir à pornografia com Manu era o mesmo que fazer alguma coisa escondida, e proibida, com um *brother*.

Como eu, ela gostava mais dos vídeos lésbicos. Duas mulheres transando me dava um tesão dos infernos. Por muito tempo achei que eu tinha sido o culpado por transformar o seu gosto sexual, embora ela me jurasse de pé junto que gostar de mulheres não fora algo aprendido, apenas fazia parte dela. Ela me confessara diversas vezes também curtir homens, mas eu nunca tinha visto Manu namorando um cara em toda a minha vida. Minha cabeça de moleque de doze anos nunca achou anormal uma mulher gostar de outra mulher. Afinal, pouca coisa conseguia ser

mais legal do que uma boceta. Não me parecia estranho Manu gostar também. De qualquer forma, fui o primeiro a lhe dar total apoio e a ajudá-la a sair do armário. Não foi nada fácil.

Quando a mãe dela – cansada de cuidar da mãe doente e lidar com o abandono do marido – foi embora de repente, quase tive um troço ao saber que Manu não poderia mais morar naquele prédio. Ela e vó Abgail ficaram sozinhas, com pouco dinheiro e muitas dívidas nas costas. Eu não conseguia entender o que tinha dado na cabeça de tia Ivonete para ir embora sem mais nem menos. O último postal indicava que tinha saído do país e vivia um romance com um cara trinta anos mais velho, na Inglaterra. Um escândalo que Manu tentava abafar. Ainda mais porque seu pai também tinha abandonado a família, só que para se casar com uma mulher trinta anos mais nova.

Fazia onze meses que Manu se mudara para o apartamento de Karen. Com a minha mãe internada em uma clínica especializada, e sem a minha tão querida vizinha por perto, a vida se tornara uma porcaria insignificante. Eu sabia que era adulto e, como tal, deveria suportar a distância das pessoas de quem gostava, mas não foi bem assim que aconteceu. Afundar a cara no trabalho, dormir com clientes, viajar para os lugares mais inóspitos do mundo... Nada me fez tirar da cabeça a ideia de que eu precisava recuperar uma parte da minha vida. Sabia que a minha mãe não poderia sair da clínica tão cedo. Então, achei que só me restava uma opção: voltar a ser vizinho da minha vizinha.

Manu não sabia, mas eu tinha acabado de comprar o imóvel vazio ao lado do apartamento de sua ex-namorada. Eu sabia que poderia conviver com Karen desde que Manu estivesse por perto – toda vez que a gente se encontrava era discussão na certa, porque eu não engolia de jeito nenhum a mulher que tinha sacaneado a minha cunhada Raissa quando ela e meu irmão, Caio, estavam começando a ficar juntos.

Mas, pelo visto, eu continuaria morando no mesmo lugar. Foi naquele prédio que nasci e cresci, foi entre aquelas paredes que meus pais tiveram alguns anos de tranquilidade até que o crápula do meu pai nos deixou para se casar com uma italiana maluca viciada em literatura brasileira, Beatrice Bressiani, mãe do meu irmão. O que aconteceu à minha mãe depois que ficou sozinha, tendo que me criar sem sequer uma pensão digna, me deixou putado da vida. Ainda não acreditava que ela surtara quando aquele idiota morreu. O cara que mais a magoou no mundo inteiro não valia tanto assim.



Resolvi não contar a Manu que eu estava prestes a virar seu vizinho de novo, ou ela poderia ficar ainda mais chateada. Eu conseguiria revender o apartamento vizinho ao de Karen em um piscar de olhos. Foi por isso que apenas esperei que seu choro cessasse para soltar a melhor proposta do mundo, que era trezentas mil vezes mais legal do que aquela que eu faria para Sarah Mendes:

— Vem morar comigo, Manu.

Ela ergueu a cabeça e finalmente soltou a minha cintura.

— Morar com você? Ao lado do apartamento que o banco tomou de mim depois que me afundei em dívidas?

Minha amiga havia passado maus bocados naquele prédio, até que, por fim, perdeu o imóvel e resolveu deixar vó Abgail num bom asilo. O 609 nunca mais tinha sido ocupado desde então.

— Esquece isso, chuchuzinho. Vem morar comigo. O apartamento é grande e estou me sentindo sozinho, você sabe disso.

— Não quero te atraparlar, Caju. — Ela balançou a cabeça em negativa e encheu o peito de ar. — Tenho trinta anos na cara, preciso me virar. Tenho que arranjar um emprego novo e dar um jeito de continuar pagando o asilo da vovó.

Pensei em sugerir a Manu que eu assumisse aquela conta, mas sabia que ela jamais aceitaria e ainda se sentiria ofendida. Minha amiga era teimosa e orgulhosa.

— Enquanto você não arranja um emprego, fica aqui. Simples assim. Tenho um quarto sobrando.

Eu estava ansioso para que Manu aceitasse porque eu não suportava mais ficar longe dela. Os fantasmas dos meus traumas sempre vinham me assombrar e era terrível me sentir um pedaço de nada. Sua companhia sempre era muito bem-vinda, e, na minha cabeça, não havia a mínima chance de aquela combinação dar errado.

— Tudo bem — ela expirou uma bela quantidade de ar. — Fico aqui enquanto não me ajeto. Mas não é definitivo, ok? Você precisa ter seu espaço.

— Não preciso de espaço, chuchuzinho. Foi você quem colocou na cabeça que tenho que arranjar uma namorada urgentemente.

Ela me olhou feio.

— Mas é a mais pura verdade, seu bocó. Quando uma mulher mexer com seus brios, vai entender o que estou falando.

Manu sempre foi do tipo romântica. Sonhava com o dia em que eu me apaixonaria por alguém capaz de me fazer parar de olhar os rabos de saia e de imagi-

nar as cores de suas devidas bocetas. Para ser sincero, ela desejava que eu quebras-se a cara no quesito amor para que assim atribuísse algum valor aos sentimentos.

Isso jamais aconteceria. Enquanto eu tivesse festas às sextas-feiras para ir, paixão seria a última coisa em que pensaria na minha vida. Amor, então, só de mãe. Apesar de tudo, eu não era o sujeito comedor que meu irmão sempre foi. Nem tinha medo de me apaixonar, como Manu supunha. Eu podia ser ótimo conselheiro amoroso. Inclusive, minha cunhada agradece até hoje a força que dei no relacionamento dela com meu irmão. Eu gostava de ver as pessoas felizes.

Só que não havia acontecido comigo. Meu estômago nunca havia sentido as famosas borboletas. Sinos jamais tocaram quando beijei alguém. Ninguém nunca dissera que me amava, exceto minha mãe. Nem mesmo meu pai, aquele traidor de uma figa, demonstrara qualquer sentimento por mim. Não, não estava me vitimizando, como meu irmão mimado sempre fazia, ou justificando a falta de afeto. Eu tinha amor para dar, guardado em algum canto, dentro do meu peito. Não estava esperando a pessoa certa, apenas vivia sem pensar no dia em que poderia oferecê-lo a alguém.

Havia coisas muito mais importantes na vida. Ganhar dinheiro, por exemplo. Eu era apaixonado por inventar maneiras loucas de levar uma bolada e poder viajar. Felicidade era ser livre. Enganava-se quem dependia de outra pessoa para se sentir bem. Afinal, apenas a conta bancária era sua melhor amiga. Manu esmagaria minhas bolas num espremedor de alho se me ouvisse dizer isso em voz alta. No quesito amizade, ela era a criatura mais sufocante do universo, e eu adorava que fosse assim.

No entanto, eu não fazia a mínima ideia de que aquele convite significaria entrar na maior confusão de toda a minha vida.